

Em 1962, escreveu o livro *Da Organização Do Espaço*, para a prova de dissertação para Professor na Escola Superior de Belas Artes do Porto (ESBAP), no qual evidencia a falta de continuidade do espaço contemporâneo português e falha na sua pedagogia, principalmente de todo aquele que tem uma maior responsabilidade na organização física desse mesmo espaço.

O primeiro capítulo, *Dimensões, Relações e Características do Espaço Organizado*, é exposta a pluralidade de relações existentes entre as formas e entre estas e o espaço. Toda a forma, por ser fruto de uma época, interagir com o homem, partir deste ou apenas partilhar circunstância e espaço na sua existência, deve ser compreendida num contexto. Assim, Fernando Távora, defende que na relação *espaço-tempo* e *espaço-observador* o homem tem a responsabilidade de organizar o espaço num “jogo exacto de consciência e de sensibilidade, integração hierarquizada e correcta dos factores”⁷¹, dentro de uma visão global dos fenómenos do espaço, contínuo e indissociável, nunca visto parcialmente.

No segundo capítulo, *O Homem Contemporâneo e a Organização do Seu Espaço*, o autor aclara as origens do mundo contemporâneo em que homem “começa a ser ultrapassado pelas próprias criações e mesmo vítima delas.”⁷²

Reflecte sobre descontinuidade e anarquia da organização do espaço contemporâneo pela rapidez e a falta de reflexão na construção das cidades, que atingiram escalas incontroláveis, originam processos de delapidação e escravizam o homem submetendo-o ao seu ritmo.

Numa época de extremos, o autor analisa desde o 'formalismo' até ao máximo 'funcionalismo', onde uma forma só é significativa quando é inteiramente funcional considerando todos os aspectos do homem.

No terceiro e último capítulo, *A Organização do Espaço Português Contemporâneo*, Fernando Távora revê o passado português como um passado sóbrio, de

⁷¹ TÁVORA, Fernando, *Da Organização do Espaço*, Porto: FAUP, 2004, p. 14

⁷² *Ibidem*, p. 32

harmonia, cuja organização espacial é constante. Denota, porém, que a actual arquitectura e urbanismo fracassam pela utilização de técnicas ultrapassadas, espaços pouco funcionais e retrocessos arquitectónicos dispensáveis, incapazes de se integrarem com ambientes passados. Atribui o problema, em parte, à fraca pesquisa dos nossos recursos, carente de uma reflexão consciente e aprofundada sobre as possibilidades mais vantajosas e económicas que cede, inevitavelmente, o protagonismo ao 'gosto'.

Em síntese, Fernando Távora, elege o Arquitecto “homem entre os homens – [como] organizador do espaço – criador de felicidade”⁷³ e instiga à troca de conceitos que não destrua mas valorize, tendo como intenção criar uma sociedade mais unitária, embora diversificada, visto que a organização do espaço é sempre obra comum de participação e só poderá possuir significado numa cultura que partilhe essas mesmas bases culturais. Há assim uma progressiva consciencialização que a organização harmónica do espaço constitui a índole para a felicidade do homem e que é necessário pôr de lado conceitos limitados e ideias preconcebidas onde germinam tais problemas.

⁷³ TÁVORA, Fernando, *Da Organização do Espaço*, Porto: FAUP, 2004, p.75



21

Anos '70 e '80

“Távora ampliará nos anos '70 e '80 o seu anterior posicionamento teórico, até então sobretudo preocupado com as questões de 'carácter' da nova arquitectura, não só a partir da defesa dos valores arquitectónicos e sociais da cidade antiga, na perspectiva duma verificada incompatibilidade entre espontaneísmo e planificações urbanas, como também dum veemente apelo ao estabelecimento de um conceito patrimonial espaço-temporalmente alargado ao território e a uma recuperação criativa desse património com base na requalificação do seu desenho.”⁷⁴

1972-1985 – Convento de Santa Marinha da Costa, em Guimarães

No projecto da Pousada de Santa Marinha da Costa, em Guimarães, Fernando Távora recorreu a registos históricos e arqueológicos para clarificar as diversas linguagens que coexistiam no antigo Convento evocando, quando legítima, a memória da essência de cada espaço. Neste projecto, reflectiu sobre um tema que se torna referência no conjunto da sua Obra: a introdução de um programa novo num edifício antigo. Esta operação exige decisões certamente difíceis na adaptação de alguns espaços. A intervenção consistiu em distinguir o essencial do supérfluo, de forma a reforçar o carácter dos espaços e criar algo novo procurando simultaneamente dar unidade ao conjunto sem sacrificar a diversidade. O corpo acrescido onde se localizam os quartos foi, como afirma Távora, “[inspirado] na arquitectura popular minhota, pois procurar uma imitação do barroco ou do romântico não teria qualquer sentido. Quanto a mim, as formas populares são mais realistas e ricas.”⁷⁵ “O critério geral (...) foi o de continuar inovando, isto é, o de contribuir para a prossecução da vida já longa do velho edifício, conservando e reafirmando os seus espaços mais significativos ou criando espaços resultantes de novos condicionamentos programáticos.”⁷⁶



22

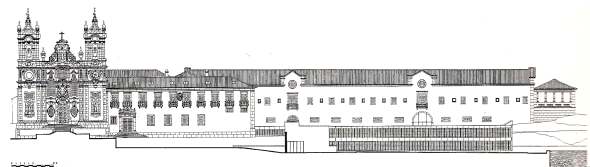
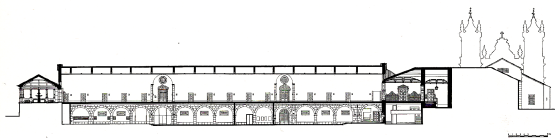
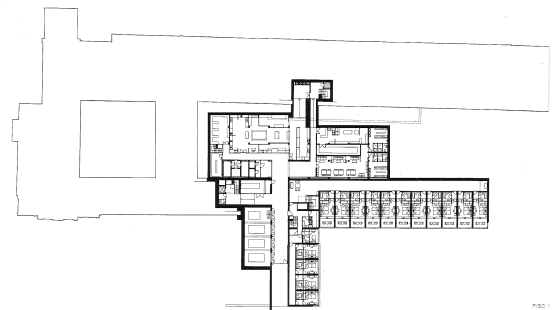
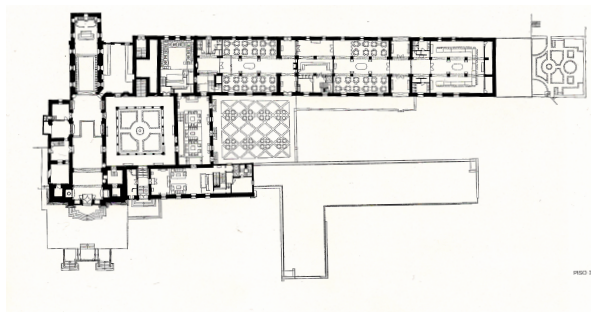
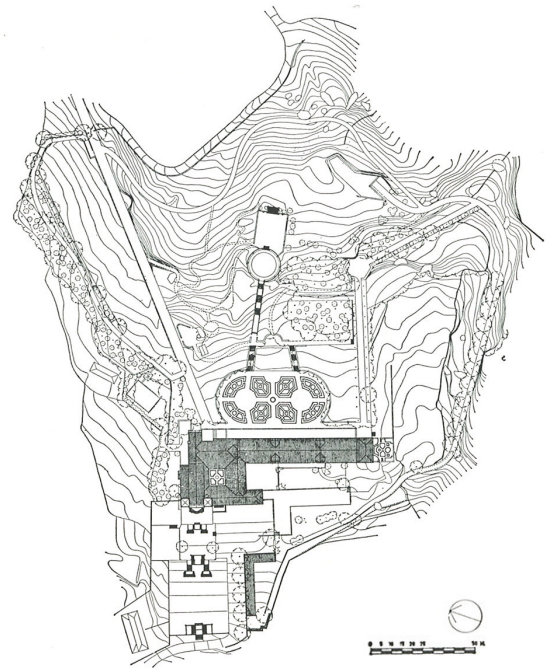
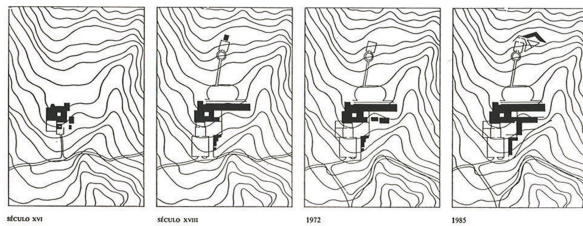


23

⁷⁴ FERRÃO, Bernardo José, “Fernando Távora”, in *Roteiro*, Lisboa: Centro Cultural de Belém, 1993, pp.17-18

⁷⁵ FERRÃO, Bernardo José, “Tradição e Modernidade na Obra de Távora 1947/1987”, in TRIGUEIROS, Luiz, *Fernando Távora*, Lisboa: Editorial BLAU, LDA, 1993, p.36

⁷⁶ TÁVORA, Fernando, “Convento de Santa Marinha Guimarães, 1975-1984”, *Ibidem*, p.116







Como afirma Jorge Figueira: “a Pousada Santa Marinha da Costa (1975-84) e a 'Reabilitação Urbana' de Guimarães (iniciada em 1987) são processos mais do que projectos que lhe permitem entrar ‘dentro da História’ e desenhar ao seu sabor.”⁷⁷

1980-1982 – Plano Geral de Urbanização, em Guimarães

Távora iniciou em 1980 o plano territorial da cidade de Guimarães, terra dos seus antepassados, gravada nas memórias de infância vividas na Casa da Covilhã, e acompanhou, em simultâneo, a extraordinária obra do antigo Convento da Costa. Este plano atendeu, sobretudo, como refere na memória descritiva: “à forma física de que este se reveste e propõe caminhos e propões caminhos para a sua forma futura; (...) um plano síntese no qual se procurou compatibilizar a unidade e a variedade, o geral e o particular, a função e o desenho, a realidade e a imaginação, o passado e o futuro.

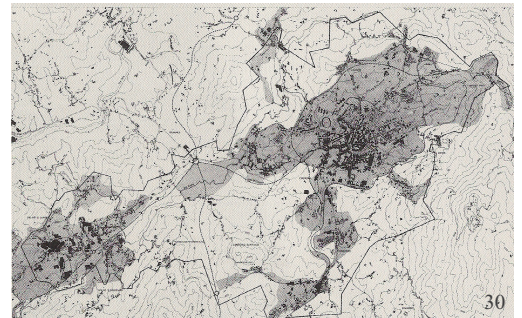
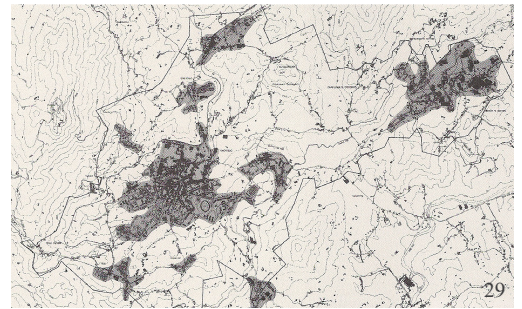
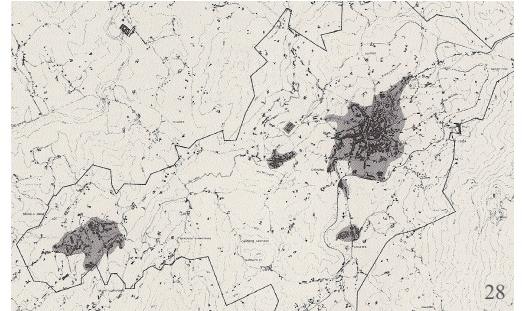
O passado e o futuro (...) surge, aqui, para além dos aspectos físicos já referidos e inerentes à dimensão 'espaço', a dimensão 'tempo'. Ela é, com efeito, o grande juiz da validade de um plano, porquanto é a capacidade que este apresenta de previsão do futuro e a adaptabilidade à flutuação das circunstâncias que definem a qualidade.”⁷⁸

O conceito principal da sua formulação seria a “(...) interpretação de uma vontade colectiva, capaz de o formalizar ao longo do espaço e do tempo e de promover a sua revisão quando necessário (...)” assente em condicionantes socioeconómicos e patrimoniais em simultâneo com a história, sendo estas realidades preponderantes no resultado dos valores de uma forma urbana dinâmica. O objectivo seria despertar consciência para a capacidade de responder às “necessidades de equipamento em matéria de edifícios e espaços ou ainda problemas de tráfego”, entre outros factores que procuraram integrar de forma coerente, “atendendo à multiplicidade das suas relações no espaço e no tempo.”⁷⁹

⁷⁷ FIGUEIRA, Jorge, “«Eu Sou a Arquitectura Portuguesa»”, in *Público*, Domingo 4 Setembro 2005, p.41

⁷⁸ TÁVORA, Fernando, “Plano Geral de Urbanização Guimarães, 1980”, in TRIGUEIROS, Luíz, *Fernando Távora*, Lisboa: Editorial BLAU, LDA, 1993, p. 120

⁷⁹ *Ibidem*, p. 121





A coerência com o edificado foi assumida como directriz na medida em que “a morfologia que determinou em grande parte a origem e o crescimento da Cidade deva ser entendida como factor de capital importância na sua expansão e na sua presumível e futura forma urbana.”⁸⁰ Assumiu-se, assim, o Plano Geral não como “resultado directo e elementar de um processo analítico, mas um acto de criação, fundamentado, embora, na realidade que se pretende transformar”⁸¹ partindo do princípio que “a defesa dos valores patrimoniais não é nunca um acto passivo de receber e conservar, mas um acto criativo de conceber.”⁸²

1985-1987 – Casa da Rua Nova

“Uma preciosa residência burguesa dos séculos XVII, XVIII com possível origem medieval, situada na Rua Nova, é destinada pela Câmara Municipal de Guimarães para localização do Gabinete do Centro Histórico.”⁸³ Esta obra, actual Gabinete Técnico Local (GTL), “(...) é uma espécie de *statement*. Távora mostra que há sistemas construtivos recorrentes na arquitectura e é esta leitura que ele vem expor com os cortes em círculo nas paredes, para se perceber a estrutura e os processos construtivos. Portanto, tratando-se de uma casa, é também uma forma de exemplo.”⁸⁴ “O edifício (...) renasce fruto de uma cuidada operação em que a fachada posterior é reconstituída e adquire todo o seu encanto merecendo o Prémio *Europa Nostra* que o transforma num significativo exemplo a seguir.”⁸⁵

⁸⁰ FERRÃO, Bernardo José, “Tradição e Modernidade na Obra de Távora 1947/1987”, in TRIGUEIROS, Luiz, *Fernando Távora*, Lisboa: Editorial BLAU, LDA, 1993, p.38

⁸¹ TÁVORA, Fernando, “Plano Geral de Urbanização Guimarães, 1980”, *Ibidem*, p.124

⁸⁵ FERRÃO, Bernardo José, “Tradição e Modernidade na Obra de Távora 1947/1987”, *Ibidem*, p.38

⁸³ TÁVORA, Fernando, “Casa da Rua Nova Guimarães, 1985-1987”, *Ibidem*, p.134

⁸⁴ PACHECO, Pedro, *Entrevista a Pedro Pacheco*, Lisboa, 4 de Junho 2010, (em anexo p.192)

⁸⁵ TÁVORA, Fernando, “Casa da Rua Nova Guimarães, 1985-1987”, in TRIGUEIROS, Luiz, *Fernando Távora*, Lisboa: Editorial BLAU, LDA, 1993, p.134